

«Just shut up and take the ride»

Hunter S. Thompson

Considerem-se duas categorias para definir o ser humano – há pessoas que são portos e outras que são travessias. As pessoas-porto estão habituadas a receber o mundo de braços abertos, têm essência de abrigo. As pessoas-travessia são as que abrem os braços para o mundo, estão em viagem. Em ambos os casos, estas almas ficam marcadas pela mesma inevitabilidade, que é a de não poderem deixar de ser como são. Está-lhes colada à pele, a paragem ou a passagem.

Com *Empty Beds*, Cláudio Garrudo assumiu a sua condição de ser em trânsito. Ao longo de cinco anos, dois hemisférios e inúmeras latitudes, fotografou os espaços temporários da privacidade, os portos de abrigo que servem de refúgio a cada viagem. O resultado é este relato íntimo de travessia, um quarto com a cama desfeita, uma porta acabada de abrir, objectos esquecidos num armário. Fugas, seja como for.

As 16 imagens presentes nesta exposição lançam um repto desgraçado à adivinhação. Por um lado, fazem um registo da ausência, são retratos de quem não está. Por outro, são o paralelo artístico de um buraco de fechadura. É como espreitar um quarto onde se sabe estar alguém, mas tudo o que se consegue observar são os despojos da sua passagem. Há uma história invisível em cada uma destas fotografias, uma travessia inteira para imaginar nos indícios que foram deixados no enquadramento.

Aqui há suspense, há amor, há comédia, há um pouco de drama. Sobretudo, há uma certeza de viagem em cada imagem de porto íntimo. Eis a passagem.

Ricardo Rodrigues

Março de 2008